

DO CAOS À COISA: NOTAS A UM ENSAIO CONSTELAR

FROM THE CHAOS TO THE THING: NOTES TO A CONSTELLAR ESSAY

André Winter Noble¹

RESUMO: Este artigo parte de uma aproximação vocabular ou mesmo um trocadilho com as palavras Caô e Caos, valendo-se de relações estabelecidas com autores como Ovidio e ao mesmo tempo encontra o contexto que permitiu a construção de vultos como os matemáticos Henri Poincaré e Edward Lorenz, autores da Teoria do Caos. Inobstante, recorreremos ainda ao conceito de das Ding e objeto a, caros ao psicanalista Jacques Lacan. No entanto, esse texto tenta com esse percurso tortuoso alcançar as produções de Deleuze e Guattari, particularmente chamando a atenção para a Caosmose de Felix Guattari. Desse modo, essas linhas se oferecem como uma tentativa de decifração, a ousadia da leitura.

Palavras-chave: Caô; Caos; Das Ding; Objeto a.

ABSTRACT: This article starts with a vocabulary approximation or a pun with the words Caô and Chaos, using established relationships with authors such as Ovid and in the same time finds the context that allowed the construction of figures like the mathematicians Henri Poincaré and Edward Lorenz, authors of the Chaos Theory. In spite of this, we also resort to the concept of das Ding and object a, important to the psychoanalyst Jacques Lacan. Nevertheless, this text tries, with this tortuous route, to reach the productions by Deleuze and Guattari, particularly taking attention to the Chaosmosis by Felix Guattari. In this way, these words offer themselves as an attempt to deciphering, the daring of the reading.

Keywords: Caô; Chaos; Das Ding; Object a.

Caô é termo que brota nas margens do sudeste brasileiro, naquele canto ganha forma e sonoridade e logo atinge o centro. Uma vez atingindo o alvo, tal expressão engana o receptor com seu *canto-caô* (ou *caô* do canto), fantasiando a margem de centro, ou epifitando o centro com as ramificações da margem. Salvo engano, *caô* designa os sentidos próximos àqueles atribuídos à mentira, ao embuste, à caraminhola e à patranha. Sem embargo, *caô* pode ser elencado como o principal artifício do sagaz Odisseu que, na grande *Odysseia*, constrói seu caminho de retorno a casa através de artimanhas e intrujices.

A malandragem do tupiniquim Odisseu, nosso reflexo, exemplifica o grande homem de seu tempo que, devido a seu caráter canônico, literalmente regulatório (kanon, κανών, pode ser traduzido por “régua”), serve de medida e fôrma. Deste modo feito, o espírito odisseico parece muito bem se adaptar às demais instituições, ou elas é que se construiriam a partir da sua cartilha, nas quais a figura do escolhido (eros, ἔρως) é aglutinada à do enganador (ereo, ἐρέω).

¹ Mestre em Artes Visuais (Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano) pelo Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas-UFPEL. Doutorando em Letras (Estudos de Literatura / Teoria, Crítica e Comparatismo) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Bolsista CAPES.

Assim sendo, tal instabilidade da conduta e dos discursos, maquinaria, moveria e estofaria o padrão dominante e dominador, próprio dos tiranos e replicado entre os súditos das eras subsequentes, performance que teria como corolário imediato a vontade de poder motivadora das construções hierárquicas. A crise pungente da virilidade torna iminente a reconfiguração dos sentidos e uma transformação das estruturas, sempre em mutação, mas que no entanto aparentavam (e ainda) obedecer a certas fórmulas, trejeitos e cacoetes.

Partindo de tais apontamentos, *caos* é termo que, num trajeto contrário ao *caô*, do centro discursivo atinge a margem enquanto a engana, fantasiando o centro de margem, “a medida de todas as coisas”. Desse modo, travestido em versos metamórficos de Ovídio, diz o centro à margem, que *antes do mar, da terra e céu que tudo cobre, / a natureza tinha, em todo o orbe, um só rosto / a que chamaram Caos, massa rude e indigesta; / nada havia, a não ser o peso inerte e díspares / sementes mal dispostas de coisas sem nexos*. (OVÍDIO, *Metamorfoses*: livro I, vv. 5 – 9).

Complementando esses versos, conforme as palavras de Hesíodo, Cháos (Χάος) é o deus primevo a se propagar no universo, coincidente com o informe, com a des-regra, com certo estado matérico onde tudo é nada enquanto é tudo: Um estado inominado ou de inominação, sem regras nem hierarquias; ou melhor, onde e quando tais características consistiam na única norma. A instabilidade e o movedismo de tudo é que compunha e regia todo aquele nada. Uma vez mencionada tal particularidade de seu inaspecto, caberia ainda recuperarmos a Hipótese do Contínuo, proposta pelo matemático germano-russo Georg Cantor quando debruçado sobre a medição do infinito; ou mesmo seria adequado retomarmos a teorização que circunda os cálculos elaborados pelo matemático francês Henri Poincaré. Pensador este que, motivado por um concurso proposto pelo rei Óscar II da Suécia a fim de prever o futuro do sistema solar, geraria uma fratura nos cálculos e órbitas pensadas por Newton, Laplace e ainda Leibniz, motivando uma série de fórmulas e construções matemáticas que, devido a pequenos equívocos cometidos nas condições iniciais de suas proposições (enquanto o problema era analisado pelo matemático sueco Magnus Mittag-Leffler), se verificados, poderia gerar órbitas estranhas na rotação dos três astros considerados (Sol, Lua e Terra).

Assim sendo, essa rebelião das órbitas poderia ser futuramente considerada como o reflexo ou mesmo o exemplo imediato de uma ruptura em qualquer tentativa de delimitação estruturalista; dito de outro modo, os agentes que comporiam um sistema aparentemente hierárquico e contínuo teriam também eles gestualidades próprias, diversas às normas de conduta a eles impostas. Tal esquema teria um aspecto semelhante ao nó borromeano, considerado por Lacan para tratar das relações estabelecidas entre os regimes do *simbólico*, do *real* e do *imaginário*.

Aqueles estudos seriam, pois responsáveis por encetarem proposições como a Teoria do Caos, amadurecida nos anos 1960 por teóricos, como Edward Lorenz que tem como carro-chefe de seu pensamento o conhecido *efeito borboleta*, trazido a público com a pergunta: *Does the Flap of a Butterfly's wings in Brazil Set Off a Tornado in Texas?*² O bater de asas de uma borboleta no Brasil pode desencadear um tornado no Texas! É a esta questão que precisaríamos chegar para, enfim nos encontrarmos com o espírito que certamente serviu de lastro e talvez tenha

² www.ias.ac.in/article/fulltext/reso/020/03/0260-0263

desencadeado a escritura de pensadores como Felix Guattari.

Inobstante, *Caosmose* se apresenta como recomeço no momento em que aparentemente se encerra, sempre a querer nos dizer algo e incitar a algo mais enquanto se constrói, e assim o faz a partir de uma espécie de tomada de conhecimento dos gestos mais ínfimos, da importância dos elementos mais fugazes, do derradeiro *rizoma* no qual estamos todos enredados. Uma vez mencionadas tais motivações para movimentos a esses olhos pungentes, vale lembrar certa peculiaridade da gestualidade esquizofrênica (*skhízo*, σχίζω: dividido + *phrenós*, φρενός: mente, coração), a qual finge continuidade à medida que se apresenta como uma sucessão de repetições, mas que de alguma maneira talvez se exponha efetivamente esquizo (*skhízo*, σχίζω), literalmente fragmentado, quebrado e desse modo dividido ao construir tal sensação de continuidade a partir de uma sucessão de desvios. Irregularidades essas que, como uma composição fractal, replicam um étimo que mimetiza a gestualidade desencadeadora do desvio.

O conceito de afeto ou o de relação pática indica a possibilidade de apreender globalmente uma situação relacional complexa, tal como a melancolia, ou a relação com a subjetividade esquizofrênica. Mas temos a tendência de pensar que esse modo de conhecimento por afeto não-discursivo permanece rude, primitivo, espontaneísta. Essa abordagem não discursiva é igualmente a da bipercomplexidade, tal como é estudada atualmente em diversos domínios científicos. Ela implica que exista uma via de passagem entre a complexidade real e a complexidade virtual e transferências de consistência ontológica entre o virtual e o real, entre o possível e o atual. Seria necessário repensar aqui uma certa teorização do caos. (GUATTARI, 2012, p. 77).

Propomos, pois recuperar estilhaços dessa fabulosa teorização ou como de maneira quiçá claudicante a compreendemos para irmos ao encontro das proposições de Guattari, particularmente sua *Caosmose*. Desse modo, assim como a osmose se relaciona a uma troca de líquidos no interior das células, transladação essa que transfere água de uma região mais hidratada para outra mais desidratada, na *caosmose* guattariana a iminência de tal hidratação parece ocorrer de maneira transbordante, para além de qualquer especificidade celular ou referente a um organismo específico, fazendo com que tal maquinaria se dê de maneira ininterrupta, posto que a troca de nutrientes venha a ser uma atividade igualmente constante, ainda que instável.

Nesse sentido, vale recuperar o conceito de *ritornelo*, o qual é tomado emprestado da música a fim de dizer do aspecto aparentemente repetitivo de qualquer movimento de troca ou aprendizagem, ou ainda, para fazermos ecoar o supradito *efeito borboleta* que se debruça sobre uma sucessão de gestos que mesmo aparentemente ínfimos têm a potência suficiente para desencadear grandes cataclismas. Inobstante, partindo de tais apontamentos, podemos ainda relacionar tais frases e doses metafóricas e, de algum modo, alegóricas, pontualmente no momento em que reencenam a repetição supostamente contida no gesto esquizofrênico.

No entanto, nos multiformes entendimentos da repetição, com os quais o *ritornelo* aparentemente aprende seu modo *quase-fractal* de ser, vale dizer da descontinuidade dos atores que experienciam tal mimetização ou auto-mimetização. Qual seja, é como se a cada vez que

repetíssemos determinado gesto ou fizessemos ecoar determinada frase ou vocábulo, fôssemos outros, nunca os mesmos porque geradores de transformações no momento exato em que seríamos pelas demais sutilezas, modificados. Nesse sentido, vale frisar tal particularidade do *efeito borboleta* supradito, o qual relaciona os grandes acontecimentos às sutilezas mais fugazes que passariam despercebidas às margens dos grandes cataclismas e hecatombes.

Sem embargo, o teatro nos proporcionaria a experiencição desses fenômenos ou pelo menos vem a grifar tais descobertas, quando certas frases são replicadas pelos demais protagonistas, quando certos gestos são infinitamente reensaiados, num uníssono ruidoso que faz ecoar toda a ranhura desconsiderada, os sons mais desprezados, as palavras menos cuidadas, as consoantes inutilizadas. Há, portanto no teatro, na performance, na música, assim como na esquizofrenia e demais transtornos, a oportunidade do conhecimento de si e do outro através de um ensaio sobre o ser no mundo, imediato a própria expiação dessa condição. Consequentemente aí, encontraremos certa particularidade que vai ao encontro exato do *como viver junto* proposto em meados dos anos 70 do século XX, por Roland Barthes.

Tendo em vista esses apontamentos, vale dizer que seríamos *sujeitos ideológicos*, na concepção de Louis Althusser, porque inscritos por uma sucessão sobreposta de discursos e trejeitos pertencentes a sistemas de ideias que expõem suas arestas nas mais fugazes sutilezas de nossas rotinas; Assim como seríamos *sujeitos desejantes*, na concepção de Sigmund Freud, porque inscritos por uma sucessão sobreposta de *pulsões* que buscariam o pleno prazer num *objeto de desejo*, cujo caminho de acesso seria pavimentado pela *fantasia*.

No entanto, Jacques Lacan quiçá tente nos dizer que tal Objeto (*das Ding*, personificado por Freud na figura materna), seria um lugar impossível de ser alvejado e que, portanto restariam tão só os rastros deixados por Ele nos demais objetos (*die Sachen*), aos quais temos acesso, mas nunca, posto que seriam objeto hologramáticos, miragens, miraculosos, *objetos a*; Seríamos talvez *máquinas desejantes*, na concepção de Gilles Deleuze e Felix Guattari, de forma alguma seres de fato robotizados, mas que funcionaríamos como tais, combustados pelo desejo de tudo, angústia de a tudo epifitarmos, mudarmos de lugar, dar às coisas um apelido e sermos de “coisas” também chamados.

Nascemos não apenas entre urina e fezes, assim como entre epífitas e parasitas, que nos cevam à medida que subnutrem. Roubam-nos o alimento, enquanto nos incitam a buscá-lo. As pulsões, portanto, são as de um sujeito sempre desejante, ainda que entediado, um ser que deseja e, logo, é: enquanto é e é porque deseja, lacera e pica enquanto pica e lacera, punge porque punge e é, incessantemente, verrumado por algo que habita o próprio corpo, o qual é constantemente estimulado por essa agulha, felpa, farpa, fagulha que nunca finca e transfixa plenamente, nunca mata, nunca sacia. Apenas na morte encontraríamos o gozo pleno, e pleno porque último, derradeiro, de impossível re-gozo.

Derrida nos dirá que a morte é de algum modo, a *différance* por excelência, *différance* que apresenta um movimento aparentemente finito e, mesmo assim, movimento esse que permite a ocorrência, simultânea da presença-ausência. *A différance produz o que ela interdiz, torna possível*

exatamente aquilo que ela torna impossível. (DERRIDA, 1967, p. 206)³. Haveria, portanto na morte, algo não apenas da *différance*, assim como da escritura, de uma escritura plena ou de uma diferença que se dá pela mescla, por um organismo sempre vivo que, apesar de aparentar a morte, está sempre a alimentar novas vidas, parasitar a terra enquanto ela o parasita, dele se alimenta, até que o corpo torne-se, também ele, terra.

Antes de tudo era o Caos, o informe e então veio o nome próprio, aquele encarregado de definir as coisas, os sujeitos e os agrupamentos de sujeitos, os quais se organizam e passam também a cobiçar tal poder, o poder-nomear. *Em certos contextos sociais e semiológicos, a subjetividade se individua: uma pessoa, tida como responsável por si mesma, se posiciona em meio a relações de alteridade regidas por usos familiares, costumes locais, leis jurídicas... em outras condições, a subjetividade se faz coletiva, o que não significa que ela se torne por isso exclusivamente social. Com efeito, o termo “coletivo” deve ser entendido aqui no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao socius, assim como alguém da pessoa, junto a intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos mais do que de uma lógica de conjuntos bem circunscritos.* (GUATTARI, 2012, pp. 19 – 20). Falamos, portanto de uma construção de subjetividade marcada necessariamente pelo contato com a heterogeneidade, ou de um sujeito num movimento constante *ser-des-ser*.

Desde os seus primeiros escritos, Felix Guattari tem se interrogado e a nós próprios sobre o caráter estrutural dos operadores psicanalíticos, vale dizer, numa tentativa de reconstrução das estruturas constituintes da psicanálise, até então. Particularidades essas, aparentemente consistentes e incólumes desde os escritos freudianos. Assim sendo, quiçá os estudos do pensador francês apontariam para uma mudança constante nos estados psicanalíticos e não propriamente reforçariam aquele momento eterno, como por exemplo acentuando algo como um *devoir-culpa*, estado esse que se permite fugir de sua rota, tal como o “surgimento” do caos à pena acidental de Henri Poincaré.

O *devoir-culpa* seria talvez esquizofrênico, no sentido próprio da arritmia de sua conduta. Nesse caso, as subjetividades não restringiriam sua construção apenas na maquinização de uma culpa primordial, num complexo edipiano e de retorno à figura materna, a qual representaria nessa perspectiva o lugar *das Ding*, A Coisa, o desejado lascivo enquanto sacro e, portanto, uma figura inviolável. No entanto, o supradito *das Ding* quiçá referencia ou mesmo se confunde com o Real, perceptível apenas pelos rastros impressos sobre as coisas (*die Sachen*).

*Em meio ao amorfo, formas retas,*⁴ dedos-réguas, transparentes, ocos: em meio às retas e às réguas, nada, apenas o recheio chocho, o ovo choco, sem cálcio ou tutano, anterior à galinha, anterior também ao ovo, choco. Lugar do impossível, ve/leja bem: impulsível, cuja pulsionalidade é impenetrável. Ovo oco e quebrado, sem gema nem clara: sino sem campânula nem badalo, sequer a coroa, sequer o eixo ou o contrapeso de madeira, nem mesmo o seixo querendo ser ovo, querendo ser oco, querendo ser dedo, seixo mascado, malaxado como o faz Molloy. *Si no senão.* Sino de finados, *Glas*, dobre de badalos dobrados a anunciar o próprio fim,

³ *La mort est le mouvement de la différence en tant qu'il est nécessairement fini. C'est dire que la différence rend possible l'opposition de la présence et de l'absence. Sans la possibilité de la différence, le désir de la présence comme telle ne trouverait pas sa respiration. Cela veut dire du même coup que ce désir porte en lui le destin de son inassouvissement. La différence produit ce qu'elle interdit, rend possible cela même qu'elle rend impossible.* (DERRIDA, 1967, p. 206).

⁴ (NUNO RAMOS, 2011, p. 21).

o fim do que não sei por que, mas ele não existiu, ou ele só existiu quando deixou de existir. O sino dobrou seu fim, *si no* discursivo, discursilvo, assobio, ressoar ou tilintar de cobra, chocalho de cobre que a tudo provoca.

Das Ding é o chocho, o autor natimorto. Mas para não chamá-lo de carniça, carcaça, cadáver, defunto, treco, bagulho ou oco, chamá-l'emos aqui doutra coisa, apontarei para ele o dedo (como se fosse possível, fora do discurso) e direi que *das Ding* é O Troço: uma troça com o traço, uma torção do/no/com o traço, que é também *trace* e, sendo *trace*, é rastro, é traça que a tudo inscrito consome e deixa seu rastro, seu *estro*, escritura, rastro de falta, traço de traça que parece, aleatoriamente as coisas censura, traça!

Um troço grande, o troção: O Troço: o in-foque das pulsões – estas sempre excitadas pela fugaz sensação de restauro dalgum estado supostamente original das coisas, delas antes de serem elas; nós, antes de sermos nós dessas coisas, nós atados a elas, as coisas-cordas que nos içam pelas pernas e braços ou mesmo iscam pelo pescoço –, des-foque pulsional que nunca O enxerga, posto que vazio e falto é O Troço, o inencontrável inato. Mesmo assim, é O Troço um nada que afunda, flutua e marca, deixa Seus rastros nalgo, *nobjeto a* (o nome ou eco da falta), objeto volátil, castigo de Tântalo, em devir perpétuo.

Mas *a*, ainda que fungo porque em constante fuga, sempre a parasitar os nossos sentidos, é a testemunha dO Troço (de *das Ding*), este é seu charme, seu encanto, seu feitiço, seu *phármakon*, sua canção áfona e íntima, intímpana: ode insone, lugar sem onde, em constante espectral e espetar, sempre a tilintar, fazer emouquecer o *tympanon*: o esganiçar da sereia a batucar os favos dorelha. *Objeto a*, reforçemos aqui, é a testemunha de Seus rastros, rastros impressos por uma existência incógnita (o alfa privativo).

A sempre aonde, nunca onde. A sempre uma ode. Ode aO Troço, cova eterna, canto cenotáfico, cujos louvores são dedicados à falta. É Ele que/m constantemente nos crava e flagela (objeto cujo rastro falta), nos pingale e vergalha através de suas impressões, entalhes de traça; indícios, resquícios ou vestígios traçados *nobjeto a*, objeto o qual chamaremos aqui de @, nem masculino, nem feminino, nem o, nem a: @. Objeto que atesta A falta, objeto do qual temos apenas os rastros, rastros a serem rastreados nas coisas (*die Sachen*); impressões sachadas com sacho, das quais teríamos ou poderíamos acessar apenas o rastro do rastro: o *estro* infarejável, para recuperarmos o detalhe predileto percebido pelo nosso “sentido primitivo”.

Sonhamos com o rastro e suas hachuras, traços rebuscados porque marcados nas coisas (Latim: *res*); *restícula* a qual é excretada ou evacuada em in-forma de *rébus*: enigmas, hieróglifos. Hachuras essas, sempre aquelas, rapinadas com enxada, com inchaço e sacho: aragem que finge preparar a terra para frutificar o gozo, mas joio a simular o jorro, prazer que confunde, tal como o chucho faz-nos enlear o desejo: desejo dobjeto, desejo doobjeto: *objeto a*: *a-bjeto* a reencenar o renascimento: *inter urinas et faeces nascimur*, lembra-nos Freud, à página 116 de seu Mal-Estar na Cultura (*Das Unbehagen in der Kultur*), via Eugen Bleuler talvez, quando se debruça e curva sobre a transformação do homem desde a quadrupedia à bipedia e, com a prevalência da postura ereta e, portanto, o afastamento do chão e dos mais diversos odores nele depositados ou dele emergentes, a consequente desvalorização do olfato em detrimento da visão.

Da negação do ânus ao @, voltemos a ele: sem par, sempre chocho, sempre @. Dizemos Troço. Dissemos *Ding* antes de dizer *Da*, antes ainda do *Ma*, antes mesmo da interdição assimilar: o incesto. *Fort-Da*. O Troço é a forma perdida, feita de perda, perfeita porque não tida: o pleno prazer. O Troço é a Coisa irreal, ou melhor, o Real Absoluto: Real porque impossível, porque inacessível na linguagem, impenetrável através dela, esta que é a provisão, o depósito e a única munição humana, seu formão: ferramenta capaz de falquejar apenas as representações-coisas (*Sachevorstellungen*), coisas em torno das quais gravitariam as representações-palavra (*Wortvorstellungen*), essas que sobre as primeiras se hospedam, como epífitas: heras, samambaias, orquídea e bromélia; gramíneas, epífitas gramáticas a hospedar-se nas coisas, a parasitá-las: criar constelações nas coisas, favelas em torno delas, as coisas.

Há deste modo nas palavras, algo da *parole*, no sentido saussuriano do termo, maquinado desde o *Fedro* de Platão à *Origem das Línguas* de Rousseau: *parasite: parasite!* Coisas as quais se ramificam em torno dos rastros deixados pela impressão de *das Ding* ou dO Troço n@, rastros natos *arqui-rastros*.

Escriturará o filólogo argelino Jacques Derrida, em *De La Grammatologie*, que o rastro, em que se imprime o registro, a comparação (*rapport*) ao outro, articula sua possibilidade sobre todo o campo do ente, que a metafísica definiu como ente-presente a partir do movimento ocultado, escamoteado do rastro. É necessário pensar o rastro antes do ente. No entanto, o movimento do rastro é necessariamente ocultado, ele se produz como ocultação de si. Quando o outro se anuncia como tal, ele se presentifica na dissimulação, no encobrimento de si.⁵ (DERRIDA, 1967, p. 69). O filólogo propõe deste modo, que se pense o rastro como algo anterior ao ente, posto que a movimentação do rastro (efeito gerador de efeitos) é congenitamente ocultada, sonogada, uma vez que de-constituem rastros de um vazio cujos rastros são necessariamente camuflados no nada, *arqui-rastros* que, portanto, ocultam a si próprio.

Talvez o que esteja em questão seja a própria tendência à rasura do rastro, lido como *arqui-rastro* porque anterior à coisa causadora de rastros, rastros estes que perseguiríamos sem atentarmos para o caráter hologramático, mirágico, uma vez que ele não coincide com a suposta causa, posto que a causa é incalcinável, inalcançável, de impossível apreensão porque inapreensível através da linguagem (a única munição humana). *Essa formulação não é teológica, como apressadamente, podê-la-iam crer. O “teológico” é um momento específico dentro do movimento total do rastro. O campo do ente (l'étant, sendo), antes de ser (être) determinado como campo de presença, estrutura-se de acordo com as diversas possibilidades – genéticas e estruturais – do rastro. A presentificação do outro como tal, isto é, a ocultação do seu “como tal”, esteve aí desde sempre e nenhuma estrutura do ente (do sendo), dela escapa.* (DERRIDA, 1967, p. 69).

⁵ *La trace, où se marque le rapport à l'autre, articule sa possibilité sur tout le champ de l'étant, que la métaphysique a déterminé comme étant-présent à partir du mouvement occulté de la trace. Il faut penser la trace avant l'étant. Mais le mouvement de la trace est nécessairement occulté, il se produit comme occultation de soi. Quand l'autre s'annonce comme tel, il se présente dans la dissimulation de soi. Cette formulation n'est pas théologique, comme on pourrait le croire avec quelque précipitation. Le « théologique » est un moment déterminé dans le mouvement total de la trace. Le champ de l'étant, avant d'être déterminé comme champ de présence, se structure selon les diverses possibilités – génétiques et structurales – de la trace. La présentation de l'autre comme tel, c'est-à-dire la dissimulation de son « comme tel », a toujours déjà commencé et aucune structure de l'étant n'y échappe.* (DERRIDA, 1967, p. 69).

Ressuscitar um objeto através da linguagem é talvez (ao contrário do que faz a língua com as coisas), abrir uma pequena fissura no sujeito da pulsão, ente desejante o qual decalca ou replica, na fantasia que arpoa a coisa e a transforma em objeto de pulsão, a frottage de um traço do rastro sempre arqui, marca de uma impressão. O traço, assim se torna quando motivado por uma impressão; é ele a semente, cuja dormência é quebrada à medida que brota no inconsciente e se reconstitui como a matéria-prima do registro assimilado pelo mecanismo mnêmico, sob a forma de inscrição. Inscrição no entre do ente in-consciente: o bastidor do sujeito: parergon, parego, o que está diante da obra, assim como o que está diante do eu (eu sempre *Lust-Ich*, nunca *Real-Ich*) que a torna a labuta (εργον, ergon), obra.

Lembremo-nos da Odisseia homérica, particularmente quando o fazer poético é aferido e, por que não, auferido à carpintaria e calafetagem das naus. Deste modo, poderíamos entender o fazer poético, a transformação mnemônica através da linguagem, como a construção de certo artifício para furar e sobrepujar as incertezas, criar fendas e frestas nos mares a serem cicatrizadas pelas águas. Talvez seja o paregon aquilo que não apenas encontra-se a frente do gesto que às coisas confere o caráter de objetos, como os dispositivos que apartam esses objetos das demais coisas, não apenas erigindo uma redoma ao seu em torno, os “envernizando”, esses objetos (a vernissage é um desses eventos), como os “in-serando”, ou seja, os outorgando uma espécie de epíteto, o de portador-do-ser.

O ser é, anagramaticamente e palindromicamente, o contrário da res. No entanto, a res traz em seu corpo as cicatrizes deixadas pelas investidas e opugnações do ser, cicatrizes que, invisíveis e inodoras, atestam a sua presença ausente. Cabe ao sujeito do inconsciente, o eu-prazer ou *Lust-Ich*, a busca infinita pelo alvo inalvejável, posto que o pleno prazer é a meta e último gole. O *Lust-Ich* não desiste, tampouco se entrega na caça, sem troféus gregos nem bandeiras alvas porque alvejadas, segue a acossa, caçada que acumula fraturas à medida que ficcionaliza @, fraturas e traços feitos cicatrizes, como os traços e a cicatriz dOdisseu que, na Caçada ao Javali (como literalmente lembra Auerbach logo nas primeiras páginas de seu *Mimesis*) decalcara em sua carne, os restos do percurso, os restos do discurso, a tentativa do Outro de acessar seu corpo. O objeto a ser arpoado é um alvo fantasioso, fantasmático e de distância eternal porque nunca plenamente alcançado, porque sempre *die Sache* e nunca *das Ding* (lugar inalcançável pela linguagem, única isca e ferramenta antrópica), nunca O Troço.

A pulsão de *die Sache*, de coisa, de trocinho, é o anzol cuja linguagem, a palavra (*Wort*) é a linha: anzol vazio, sem isca, sem *Wort*, nem *Worm*. Linha sempre lançada pelo sujeito do inconsciente, sujeito exilado do sujeito enunciante porque nunca ciente: o do inconsciente sim é o desejante, sem que este se confunda com aquele que enuncia o desejo. Aquele que enuncia, engana-se quando o esgana, pois o desejado é o vazio, ponto final do corredor perpétuo, o insignificante. Aquele que enuncia, almeja o desejo por meio da fantasia, que o alveja por meio da linguagem: desejo do objeto: desejo de fantasma: necrofilia. Linguagem que nunca o Real alcança.

É devido a ela (a linguagem) que, de alguma forma, a fantasia funda o desejo e o afunda, chama-o de vazio e o inflama, conflagrando-nos através do a do objeto, lambido por suas flamas, labareding; fagulha e centelha que comprovam o incêndio (*Dingen'feuer*): o objeto a é a partitura de um ressoar *sínico* (referente a *sino*, ao *si no*, ao *exceto*, aquilo que *excede*, a desmesura, a

desmedida) que badala apenas nalguma das paredes da campânula do sino (ínfimo e etéreo) e atesta sua sonata de badalos sem retorno: o *Ding* é solo, sem *Tóng* (Chinês 銅: Cobre/Cu), sem *Tóng* (Chinês 同: com) e igualmente sem *Ton* (Alemão: soar). Vazio desejado que replica outro vazio, dentro do qual habita outro, um vazio.

Não há, pois, objetos plenos quando o nada falta, quando o desejo dalgo é a ilusão provocada pela falta do objeto, objeto burilado pela linguagem também vazia que, por sua vez, mirageia e margeia o objeto insabido. Há, portanto, no objeto a, rastros de *das Ding*, do Troço, como ruínas de uma construção, lembranças de uma memória, índices de uma presença, mas são rastros que sequer identificamos, uma vez que não visitamos aquela construção para sabermos o que dela ruiu, por mais que esses rastros assombrem nossas noites de sono e sonho. Somos não apenas sujeitos movidos pelo desejo (*homo desiderium*), como também inidentitários, uma vez que sequer conseguimos defini-lo (o desejo).

Há, nos substantivos, nos verbos e nos adjetivos, tal dom: parasitar as coisas; soprar (pneuma) palavras e carregar, através do bafo que as expulsa, palavras-coisa na ebulição da saliva: contaminar as coisas: parasitá-las, dar às coisas, os nomes do homem, desde o *Caos* aos mais diversos e multiformes *Caôs*.

“A subjetividade, de fato, é plural, polifônica”, lembra-nos Guattari à primeira página de sua *Caosmose*. E deste modo faz ele ao recordar o que nos dá a ver o intelectual russo Mikhail Bakhtin a partir da obra de Fiodor Dostoievski, particularmente *Crime e Castigo* na qual a multiplicidade das vozes, opiniões, ideologias atuam sobre o sujeito narrador como um enorme, multicolor e multiforme mosaico e de tal modo constroem e estofam o que se entenderia como a certeza do sujeito, em constante transformação. Pensar em um momento específico e definidor da subjetividade escapa a qualquer tentativa de definição por vezes atrelada à culpa primordial. Essas são, portanto questões que ultrapassam as relações entre sujeito individual e sociedade, o choque entre natureza e cultura, o embate entre a infraestrutura material e a superestrutura ideológica. A norma é a desterritorialização que tem o território, como um lugar desterritorializado, posto que também ele se apresenta como um espaço soterrado por uma sucessão de reterritorializações discursivas e civilizatórias.

Nesse sentido, valeria associar a arritmia dos mecanismos internos de cada estrutura a própria forma como se apresenta ou disfarça o *objeto a*, sempre outro e nunca verdadeiramente palpável, como a cenoura na vara e cordão que faz com que o jumento esteja sempre em trânsito, sempre com os dentes, os lábios e língua a tateá-la, mas nunca. O *objeto a* é sempre outro porque a sua figura se estampa como uma projeção hologramática sobre as coisas do mundo, sobre os agentes do mundo. E assim procede gerando descontinuidades intermináveis na sua busca, transformando inclusive a *fantasia*, ou seja, elemento que une a *pulsão* ao *objeto de desejo*, sempre outro, sempre *a*.

Simultaneamente, esse travessão ou ponte que damos o nome de *fantasia* nos remeteria quiçá ao *fantasma*, virtualidade espectral que se apresenta antes de cada objeto ou agente, miragem que, conseqüentemente traz consigo uma sucessão de sobreposições de *rastros* que vão ao encontro imediato dos *traços* deixados por objetos e agentes anteriores em cada *inconsciente mnemônico*. Nesse sentido, vale reforçar tal aspecto do complexo de Édipo que, segundo a

concepção de Deleuze e Guattari bem expressa em *Anti-Édipo, pressupõe uma fantástica repressão das máquinas desejanças*. E desse modo implica tais negações porque de algum modo fundam os papéis desempenhados por homens e mulheres, pais e filhos, maquinaria essa que, uma vez sobre ela debruçada, deixaria à vista certas estruturas que proporcionariam aos pensadores afirmarem, no mesmo livro, a *família como última territorialidade do homem privado*. Territorialidade essa que acomoda heterogeneidades em uma estrutura que se adequa aos mais diversos e multiformes desvios, uma vez que são movimentações e novas trajetórias dentro de uma mesma galáxia genealógica que igualmente escapa desde as órbitas *pai-mãe-filho*.

A descoberta, por Freud, dos complexos de Édipo e de castração foi e permanece sendo genial. Mas essas descobertas devem ser reequadradas em outros eixos de referência. Elas estão na base da subjetividade capitalística, quer dizer, de uma subjetividade que assimila a apreensão da morte, a vertigem da finitude, o mais intensamente possível, mais do que os sistemas que se propuseram como alternativos, particularmente o socialismo burocrático ou, atualmente, o ideal de um retorno aos valores tradicionais (retorno fascistizante à terra, à raça etc.). O sistema capitalístico e a subjetividade do equívoco generalizado se sustentam na tangente da morte e da finitude para, no último momento, reterritorializar o sistema, refundá-lo sobre identidades personológicas, em uma dinâmica edipiana, uma hierarquização e uma alienação da alteridade que podem ser levadas até à paranoia, mas que geralmente mergulham em um morno infantilismo. (GUATTARI, 2012, pp. 85 - 86).

Assim sendo, o pensamento esquizofrênico desafia essas certezas e literalmente divide o pensamento, a encenação dos papéis sociais, a performatividade dos gêneros, para usarmos um termo caro ao vocabulário butleriano. Não é para menos que tanto Guattari quanto Deleuze sempre que podem, retornam ao Caso Schreber narrado por Freud em 1911, a partir das confissões de Daniel Paul Schreber, divulgadas em *Memórias de um Doente dos Nervos* (1903), sujeito que expressa um caso de psicose e reforça tal veredito ao frisar a certeza de ser a esposa escolhida por Deus a partir de uma sucessão de acontecimentos, dentre os quais, a narração de um sonho no qual é copulado pelo irmão. Desde então, vê seu peito ganhando seios e ainda toda uma sucessão de transformações que levariam Freud a amadurecer as questões do narcisismo, da emasculação, do incesto e das multiformes manifestações do complexo de Édipo.

Na concepção freudiana do id, há a ideia de uma relação entrópica da libido com o caos e de uma ameaça, de uma dissociação generalizada, desde que se saia das configurações cristalizadas em torno do eu e das significações bem-constituídas. Em nossa perspectiva seríamos levados a fazer incidir sobre configurações elementares uma hipercomplexidade catalítica, de um ponto de vista existencial e ontológico. O caos, ao invés de ser um fator de dissolução absoluta da complexidade, torna-se o portador virtual de uma complexificação infinita. (GUATTARI, 2012, pp. 77 - 78).

Vale lembrar o que nos diz Guattari em sua *Caosmose*, especificamente no capítulo em que se debruça sobre a Metamodelização Esquizoanalítica, particularmente quando trata de relações oposicionais como entre Expressão e Conteúdo. No entanto, maiormente interessa-nos

aqui, o que nos diz o psicanalista francês que, junto a Jean Oury, foi um dos idealizadores da *Clinique La Borde*, lugar de reconstrução e de *crise* estrutural. Assim sendo, poderíamos pensar em uma possível etimologia para a crise mencionada (κρίσις, krisis), sentido o qual parece remeter a ideia de peneiramento, separação e até de distinção.

Sem embargo, abramos uma brecha em tal sonoridade para abordá-la com a possibilidade significativa da manualidade (χειρ, kheir), abrindo assim espaço para o signo da *artesanía mental* e, neste caso, vale pensar *La Borde* como o “lugar da cirurgia” (do grego χειρουργία, kheirourgía, trabalho manual). Assim sendo, entre a “separação” e a “manualidade”, literalmente estaria o corte (κείρω, keirō), a ruptura da estrutura e a erupção da sua maquinaria. Voltemos à órbita da qual nos desvirtuamos por um instante, afinal o que nos diz Guattari vai ao encontro da relação que o próprio pensador faz ao recorrer ao linguista dinamarquês Louis Hjelmslev, particularmente quando este se debruça sobre a oposição Significante/Significado, marcadamente ao apontar para o caráter paradoxal entre a forma de Expressão e a de Conteúdo, sugerindo ainda a sua reversibilidade como paradoxal. Assim, Guattari se apropria de tal movimentação discursiva e então pensa não mais em *uma simples reversibilidade de forma como a de Hjelmslev*, mas propõe *ir além, considerando que as substâncias de Expressão e as substâncias de Conteúdo entram em relações de aglomeração, em um tipo de concatenação que é bem diferente do que o da dupla articulação, definida por Martinet e retomada por diversos linguistas. Poder-se-ia então falar de uma múltipla aglomeração, de um agenciamento heterogêneo, sendo o termo articulação questionado através do termo interface maquinaica.* (GUATTARI, 2012, p. 75).

O que afinal nos revela o teórico ao recuperar a concepção polifônica e complexa dos componentes de Expressão e Conteúdo ou os *ritornelos* que os compõem, é que *eles não estão todos no mesmo grau de “tomada pragmática” no registro dos sistemas de valor. Por exemplo, na semiótica a-significante, são figuras de Expressão que se concatenam diretamente com o referente, e “tomam o poder” sobre o conjunto dos outros componentes semióticos; ao passo que, na semiologia linguística, são, ao contrário, redundâncias de conteúdo que vão reenquadrar o conjunto dos componentes de expressão, quer sejam fonológicos, gestuais, prosódicos...* (GUATTARI, 2012, pp. 75 – 76).

Assim sendo, poderíamos mais uma vez dizer com o teórico, que haveria um tipo de hierarquia interna à estrutura do discurso, maquinados por uma espécie de tensão valorizante entre os componentes que o conformam. E são, portanto recuperadas tais questões atinentes ao campo da linguística a fim de pensar uma *pragmática esquizoanalítica* e assim definir as imbricações que a constitui, vale dizer das tomadas de poder da maquinaria semiótica de Capital ou, no caso da histeria, a prevalência reversível do componente dominante da corporeidade sobre os demais. Seríamos espectadores ininterruptos do questionamento desse *componente dominante, que polariza o conjunto dos componentes semióticos em sua constelação ontológica.* (GUATTARI, 2012, p. 76). Como brilhantemente pontua o teórico quando se está a guiar um automóvel, *é uma certa submissão maquinaica que passa ao primeiro plano.* (idem, ibidem). E desse modo define a maquinaria desse gesto empós tomar como exemplo o sono, do qual destaca certo elemento narcísico que se sobrepuja e rege esse gesto, fazendo com que determinados componentes perceptivos sejam relegados a papéis coadjuvantes a fim de *recalcar qualquer intrusão que pudesse ameaçar o sono.*

Desse modo, caberia enfim ao *cirurgião* proposto, tatear essas estruturas (talvez particulares) e se apropriar desses mecanismos de sobreposições e anestesiamentos, com o intuito de quicá redirecionar tais órbitas ou estimular a potência caótica de cada organismo e agir habitual. Para tanto, faz-se mister a *deconstrução* das estruturas discursivas de cada campo, no sentido derridiano do termo, a fim de compreender os seus mecanismos de dominação e palição, de *rasura* permanente ou provisória.

Referências

BARTHES, R. *Como Viver Junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

DERRIDA, J. *De La Grammatologie*. Paris: Les Editions de Minuit, 1967.

FREUD, S. *Obras Completas vol. 18 – O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930 – 1936)*. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GLEICK, J. *Caos: a criação de uma nova ciência*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Elsevier, 1989.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012.

LACAN, J. *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ROLNIK, S. Novas Figuras do Caos: mutações da subjetividade contemporânea. In: SANTAELLA, L.; VIEIRA, J. A. (orgs.). *Caos e Ordem na Filosofia e nas Ciências*. Revista Face. São Paulo: Fapesp, pp. 206-21, 1999.

ROLNIK, S. Toxicômanos e Identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, D. (org.). *Cultura e Subjetividade: Saberes Nômades*. Campinas: Papyrus, 1997.

Recebido em: 25/08/2019

Aceito em: 17/10/2019